

# O QUE TEM DEPOIS DA LUZ?

ARLEY FRANÇA

A jovem caminhou pelo ventre do prédio abobadado, despistando aqueles que considerava serem seus alteregos. Tinham os seus mesmos olhos negros e cabelos encaracolados e brilhantes como petróleo. A pele alva do desespero era mais clara na jovem do que nos outros. Estavam em sua pista e em qualquer momento eles surgiriam meio à multidão, que cruzava as fronteiras dos corredores internos. As luzes fortes interrompiam seu poder sobre a verdade, ofuscando-lhe a marca das silhuetas embaçadas que passavam por ela a todo o momento. Rostos lhe encaravam como grandes fantasmas sem olhos e bocas. Ela olhou o piso espelhado, acompanhando sua visão adiante, mas encontrara apenas uma imensidão branca como leite. Raios azuis horizontais explodiram do que era para ser o seu céu, e colidiram-se ao que era para ser o seu chão. Do meio dos raios, silhuetas de luz surgiram e foram ganhando forma. Eram três deles, e o horror lhe tomou quando percebeu ser ela própria. Eram seus alteregos. Virou-se, movimentando as pernas o mais rápido possível. Mas apesar de qual fosse sua força, ou velocidade, seu corpo não saía do lugar. Olhou por cima do ombro e observou as figuras iguais a ela, porém mais lustrosas, aproximando-se, abundantes em sorrisos.

Um deles ergueu a mão na direção dela e abriu a boca. De seu interno saíram mais de uma centena de vozes em um coro formidável. A língua era incompreensível para seus ouvidos, mas não para sua mente que de uma forma compreendia o que a voz dizia. “Venha para nós” – dizia a voz reunida em agora milhares delas. Sentiu-se atraída a compelir contra a sua própria vontade, que se marcava altamente confusa naquele momento. Sabia que se fosse, nunca mais retornaria. Pensou na mãe, a mulher que sempre lhe abençoou com um carinho inquestionável. Pensou no cachorro labrador, que a acompanhava há quase uma dezena de anos, marcando sua adolescência como um melhor amigo verdadeiro. Pensou no bosque caminhado diversas vezes por ela, ao observar pássaros cantantes, que lhe presenteavam com belos sons notáveis. Já não pensava naquilo, mas sim os via. Seu labrador, nomeado de Pitu, lambia suas mãos, enquanto ela via os pássaros que naquele momento olhavam inteiramente para ela.

Um dos pequenos pássaros azuis, que a encarava do tronco de uma das árvores verdejantes, piou. Aquilo fez todo o sentido para ela, quando compreendeu o que ele dizia. Pediu para que ela fosse com eles. A jovem

piou de volta, utilizando a mesma língua do pássaro. Não sabia como estava fazendo aquilo, mas o som lhe soou agradável. Ainda mais agradável do que as palavras. Viu-se voando sobre nuvens com seu próprio bando de pássaros. Ela mesma era um pássaro. Aliás, ela tinha asas, mas não era um pássaro. Ainda tinha um corpo de pele alva, olhos e cabelos escuros. Mas suas asas eram brancas como algodão. *Será que ela seria um anjo?* Um anjo ela não poderia ser, pois se lembrava de ter nascido, crescido e se formado na faculdade. *Não, um anjo ela não era.* A visão do mar azul tremendo a luz do Sol era deslumbrante.

A jovem já não tinha mais um bando de pássaros a acompanhando nas alturas e sobrevoava de braços abertos mar acima, rajando suas asas vezes por hora. Não sabia há quanto tempo já fazia aquilo, mas sabia que nunca mais queria parar. A sensação do vento fresco soprando na sua pele fazia jus à beleza do horizonte que tinha o Sol quase se escondendo, deixando um rastro claro na água tremulante.

Suas asas a levavam cada vez para mais longe e mais alto. Em pouco tempo, a visão do mar se tornara como um grande mapa real moldado à tinta azul, marrom e verde. Seus olhos já enxergavam a envergadura do globo terrestre, deixando aparente uma estrela mais brilhante, meio a escuridão do espaço. Àquela altura já se esquecera inteiramente de seus alteregos e vislumbrou a devasta solidão do espaço. Ali não tinha som e mesmo que tentasse abrir a boca para falar, não poderia escutá-lo nem internamente. Aquilo lhe deu uma sensação de paz e sabia que poderia viver naquelas condições eternamente que não teria problemas. A surpresa ao ver um alicate passando flutuando na sua frente foi imensa. Estava em órbita da Terra a dezenas de milhares de quilômetros por hora, como lixos espaciais e corpos celestiais. Mas sua velocidade lhe parecia apenas como se tivesse tampando a respiração sob as águas de uma funda piscina. Ali ela não podia respirar, e notara que nem precisava de ar.

A imensidão do espaço parecia se tornar maior na medida em que ela se afastava de seu planeta mãe. Aos seus olhos, a esfera colorida já se tornara completa em seu campo focal. Observou as centenas de cores inundando o planeta de brilho, observando ainda com mais atenção seu lado escurecido que nem era ébano ao limite, considerando as luzes das cidades povoadas. Percebia estar entre a Terra e a Lua, tendo em vista a grande esfera acinzentada se aproximando dela velozmente. Não sabia o

porquê de estar naquela situação incontrolável, mas se sentia confortável e tudo aquilo poderia estar em um mero milésimo de segundo. As crateras da Lua puderam ser observadas com mais clareza. A luz refletida pelo Sol cortava a esfera ao meio numa linha arqueada. O lado escuro era impossibilitado de se enxergar qualquer elemento. Na medida em que se aproximava, aquele lado escuro já não estava tão escuro assim. As fundas crateras foram observadas com a pouca luz, suficientemente forte para mostrar tais profundidades e comprimentos.

A grande esfera ficou para trás tão rápido quanto à impressão de uma bola num jogo de futebol. Os pontos brilhantes no espaço longínquo era a única coisa que vira além da Lua, e um pouco mais distante, como uma grande bola azul, o seu grande planeta titulado pela humanidade de Terra. A jovem não sabia o porquê daquilo, ou por quanto tempo passaria por aquilo. Sua sensação era a mesma de quando estivera em um sonho quase acordada. Ao presenciar a solidão do espaço, lembrou-se de um sonho recente em que caía em um profundo túnel, cujas paredes escuras, apesar de estarem em sua frente, não podiam ser tocadas, pois pareciam afastar-se ao ela tentar fazê-lo. Sabia, no sonho, que cairia para sempre, até acordar e receber o primeiro raio de luz nos olhos. O mesmo raio de luz provinha do astro que a cada segundo se afastava mais dela. Aliás, ela que se afastava do astro. Mas naquele caso era diferente. Sentia a realidade turva da situação e não queria desprender-se daquela sensação.

Reparou que suas asas já não existiam mais, assim como suas roupas, deixando-a completamente nua meio ao espaço vazio. Aquele, que apesar de não propagar som, ainda assim, se prestasse bastante atenção, era possível escutar dentro de si um baixo composto de todos os tons e notas, tão agradável quanto um coral angelical. Seu corpo flutuava como um asteroide sem direção. Mas no seu caso, ela tinha uma direção, e mesmo não sabendo qual era, um dia chegaria lá.

Um ponto brilhava ao longe. Ela o desconhecia, mas sabia que era Marte, o planeta vermelho. *Talvez seu próximo ponto de cruzamento?* Afinal, sua viagem não teria um fim. Pelo menos era assim que sua mente, sem lhe pregar peças, mostrava-lhe as coisas. Como puxado por um barbante, o enorme planeta vermelho se aproximou em uma velocidade assombrosa, encarando-a de perto como uma esfera vívida. As crateras eram seus olhos, nariz e boca. As manchas mais escuras em seus polos

assemelhavam-se a cabelos e barbas. O planeta parecia querer lhe dizer algo que ela não podia compreender. Estava tão perto dele que era possível ver suas elevações e declives. Como a Lua, ele também foi ficando para trás como uma esfera rubra arremessada por um jogador de basquete.

Logo Marte já se tornava um pequeno ponto vermelho no espaço. O que considerou ser o cinturão de asteroides, orbitando o sistema solar entre Marte e Júpiter inundou seu mundo. Centenas de bilhões de fragmentos celestiais unidos formavam uma imagem onipotente, onde as pedras eram os reis do universo. Seu corpo atravessava o que começava a considerar seus novos companheiros de vida, a centenas de milhões de quilômetros por hora. Rapidamente, os duzentos e vinte e três milhões de quilômetros de uma tempestade sólida foram vencidos. Sua visão encontrou uma enorme bola feita de gás, riscada em diversas cores. Reparou em sua extremidade sudeste um grande olho que parecia observá-la, girando como um furacão em torno de si, em uma velocidade colossal. Aquele era o maior tornado do sistema solar, ventando a milhares de quilômetros por hora.

Como acionando por um botão, Júpiter diminuiu, quase desaparecendo, dando lugar a Saturno. Sem sombra de dúvidas, aquela era a imagem mais bonita que a jovem já tinha visto. Uma esfera clara, rodeada por tons mais escurecidos. Seus anéis eram de uma densidade estranha. Sólidos e desfragmentando ao mesmo tempo. Ela não estava tão longe, mas não tão perto. Agora sim, estava perto o suficiente para observar as rochas de diversos tamanhos, colidindo-se meio ao anel. Elas eram o que dava a forma ao anel, quase como poeira tendo em vista a massa do gigante planeta. Subitamente fora tomada por uma áurea que deu a ela velocidade extrema, distorcendo toda a matéria a sua volta. Agora tinha seus pés sob ondas, lambendo sua pele até a altura dos tornozelos. Ela sabia que não estava na Terra, pois o Céu era de ciano quase verde. Não sentia sede, mas quis experimentar água de uma densidade diferente da água que ela conhecia. As mãos em forma de concha levaram-na a sua boca. O líquido bronzeado quase como uma espécie de mingau lhe queimou a garganta. Nada demais. Lembrou-se de vodka e assemelhou aquilo a uma sopa de ervilha, só que bronzeada e com aguardente. Os relâmpagos brilharam adiante, deixando aparentes silhuetas de montanhas igualmente as de seu lar. A chuva despencou nos segundos seguintes, martelando sua pele e a

tingindo de bronzeado. O líquido era tão gelado como a noite no ártico, mas para ela a sensação era agradável e a partir daquele momento queria ter aquele mundo inteiro para si. Uma pena o pensamento durar tão pouco, pois logo seus pés se desprenderam do chão e ela foi erguendo voo com uma força que só sentiu em sonhos. Mas aquilo era real. Sabia distinguir a diferença das duas realidades. Não imaginava como poderia se familiarizar tão facilmente com a estranheza, porém ela o fazia muito bem.

A atmosfera daquele mundo estranho fora deixada para trás e a jovem fora tomada de surpresa ao perceber que se tratava de uma lua gigante de saturno. Quanto mais longe dela, maior era seu brilho esverdeado. Daí por diante, sua velocidade aumentou assombrosamente, ao passar por Urano, Netuno e um ponto pequeno e muito distante, sabendo ser Plutão, o anão imponente, na sua concepção.

Algun tempo depois, observou outro planeta, branco como uma bola de gelo. Aquele flutuava na devasta solidão, distante bilhões de quilômetros do sistema solar. O planeta também ficou para trás, solitário. A jovem observou um pequeno ponto dourado, muito distante, dando-se conta de que era seu Sol, sua casa, e o quanto ela agora estava distante dela. Um tipo de desespero lhe tomou conta ao pensar que nunca mais voltaria para casa. Não teria mais escolha e assim viraria uma micro-fração do universo, flutuando para sempre. A única parte positiva disso é que aquele sempre poderia não ser um sempre eterno. E se ela chegasse ao fim do universo, o que encontraria... *Um ciclo?*

Mais brilhantes e impressionantes como uma infinidade de lâmpadas presas a um muro titânico negro absoluto, as cores piscavam e cintilavam em variados tons, demonstrando mortes e nascimentos das células do universo, chamadas estrelas. A jovem pensou que nunca nenhum homem, ou sonda terrestre chegara tão longe quanto ela. Via pontos que antes faziam parte de seu mundo rotativo, os planetas e a grande estrela de seu sistema habitável meio ao esplendor do universo.

Fora estilingada para o centro de três estrelas anãs rubras conjuntas, sendo que uma delas de via um pouco mais afastada. Aquelas poderiam ser as estrelas mais distantes da terra, após o Sol. Seu brilho era ainda mais intenso do que a da sua própria estrela dourada. As erupções pareciam mais conturbadas e animais. Uma iminente explosão se sacudia, podendo

acontecer nos próximos milhões de anos. Seu corpo parou de se mover e ela se encontrou ambigualmente no centro do trio celeste. *Por quê?* Seu eu parecia atrair a luz das próprias. Aquele foi o momento da viagem em que tomou a direção integralmente impulsionada por uma força maior. Teve a impressão das três estrelas se movendo na sua direção e a espremendo com a sua força gravitacional. Isso criou um efeito de explosão que a arremessou como uma tampa de espumante para os confins do universo. Cortava o breu a dezenas de bilhões de quilômetros por hora, desafiando tudo que aprendeu até aquele momento na sua vida, tendo ultrapassado a velocidade da luz em dezenas de vezes. Seu corpo exercia uma força ininterrupta, irremediável para algo material, mas que no seu caso, criara-se em uma espécie de cometa super-rápido e poderoso.

Deixava estrelas e sistemas solares inteiros para trás, como um carro sobre o asfalto de uma estrada, deixando fazendas para sempre. Seu campo de visão ganhou um redemoinho gigantesco, inundado de notáveis pontos brilhantes. Deixava agora sua micro-galáxia e entrava para a parte escura do universo, onde transitaria por uma região imune de qualquer astro celestial. Talvez ali pudesse encontrar alguma força escura, que sugaria sua vida para sempre. Mesmo podendo ver trilhões de pontos brilhantes, ainda assim sabia que estava sozinha, pois o mais perto deles poderia estar a centenas de milhões de anos luz da Terra, ou um pouco menos de onde estava, mas ainda assim muito longe. A Via Láctea já se tornava um tremendo ponto de luz, casa de bilhões de estrelas, umas muito longe, outras muito perto do que seria uma morte, seguida de milhões de criações.

A jovem começou a imaginar que se continuasse naquela velocidade estupidamente rápida, daria a volta inteira no universo que imaginava ser como uma rosca. Uma hora chegaria novamente em seu sistema solar e seus pés poderiam repousar no chão da qual estava tão acostumada com a gravidade. Observava galáxias inteiras ficando para trás, cada uma com seu formato mais esférico, ou achatado. Não viu algum vestígio de vida inteligente, quase descartando essa possibilidade. Por um breve momento, deparou-se com uma grande esfera oval que considerou ser algum tipo de astro, em órbita de algo que ela não podia ver. Olhando a frente, pensou em como o universo poderia ser tão imenso, cheio de coisas e ao mesmo tempo tão solitário? A jovem decidiu que trilhões de galáxias haviam ficado para trás e que já estava bom. Queria parar em algum lugar, algum ponto de

descanso. Não poderia ficar viajando para sempre, mesmo que há milênios atrás achasse que poderia se manter assim pela eternidade. As coisas não eram bem assim. Sentia falta da mãe e de seu cachorro. Tinha que tomar uma decisão.

Como que para ajudá-la na decisão, ela reparou em algo estranho até para tudo o que acontecia nos últimos tempos. Esperou chegar mais perto para ter certeza e não acreditou quando viu um muro negro e infinito, impedindo-a de continuar. Uma grande laje vertical se elevava para sempre em todas as direções. Na medida em que se aproximava, reparou que os brilhos que antes achava serem estrelas, pareciam enormes bolas brilhantes flutuantes. Cada uma com um tamanho diferente. Algumas com poucos centímetros e outras com milhares de metros. Esferas amarelas, azuis, rosadas e até brancas iam ficando para trás enquanto ela se aproximava do muro bem devagar. Mas suas cores se refletiam na parede infinita, cintilando e criando belas danças. Em determinado ponto, quando já tinha passado todas as esferas flutuantes, seu corpo começou a parar. Encarou a magnitude do muro que parecia um monstro liso. Nesse instante percebeu que retornara de repente seu poder de decisão sobre sua vontade de ir e vir. Apesar de flutuar, seu corpo avançava e retornava, conforme a jovem queria. Sentiu vontade de tocar no muro e começou a avançar na sua direção. Ele era tão grande que sua percepção sobre distância se alterara e se iniciara a impressão de que nunca tocaria nele. Uma infinidade de luzes brancas retangulares se acendeu por toda a parede. Ao diluir a luminescência forte, ficaram nítidas bilhões de portas que apareceram pelo universo inteiro. Eram portas normais, como a do quarto que habitou por sua vida inteira. A partir desse momento, percebeu a sua repentina aproximação delas, podendo escolher uma para entrar. Todas eram iguais e não havia uma forma de escolher qual abrir. Finalmente escolheu a de frente para si e flutuou até ela, tocando em seu material moldado à madeira rígida.

Deslizando os dedos pela porta, segurou em sua maçaneta esférica e a girou. Estava trancada. Afastou-se dessa porta e observou algo que não tinha visto. Uma porta pulsava um brilho branco, quase a convidando a entrar por ela. Sua mente impulsionou seu corpo e ela flutuou na direção da porta, traçando uma linha de quarenta e cinco graus. Quando tocada a porta por suas mãos, percebeu que aquele material era diferente do da outra.



Algo similar à madeira, porém muito liso. Quase como uma pedra lapidada, mas sem seu toque frio. A maçaneta era negra como a parede que percebera agora poder tocá-la. Era úmida e assim a jovem olhou os próprios dedos, lavados de brilhos como purpurina. Seus olhos encontraram a parede novamente e meio aquele negro fosco, agora tinham centenas de milhões de brilhos coloridos espalhados por todas as partes. Assemelhavam-se a aglomerados de estrelas reluzentes. Sentiu que tinha capturado milhares delas nos próprios dedos. Talvez tivesse uma constelação inteira impregnada no próprio dedo indicador. Tudo aquilo que enfrentara nos últimos tempos era pequeno comparado à imensidão de seu próprio corpo humano.

A jovem olhou para trás e assemelhou o que viu a uma grande teia de aranha multicolorida, moldada por milhares de anos. Aquela era a titânica teia cósmica, vista pelos humanos ao seu limite. Comparou aquele ambiente ao seu quarto, tendo total controle sobre cada átomo de seu ser. A porta, agora nas suas costas, continuava pulsando. A jovem olhou por cima do ombro e nesse momento ela se destrancou sozinha, abrindo uma pequena fresta cheia de luz. Algo a atraiu para dentro e com um pequeno impulso, empurrou o material composto da porta, desaparecendo meio a uma luz branca.

Seus olhos demoraram a se acostumar com aquele novo ambiente, parecendo ser o núcleo de uma estrela de tão brilhante. Por momentos, teve que manter o braço na frente dos olhos. Aos poucos a luz foi se dissolvendo e logo ela pôde enxergar uma nova perspectiva de tudo aquilo que ela tinha aprendido até seus vinte e oito anos. Começara agora uma nova forma de viver. Se é que aquilo poderia ser chamado assim, ou de morte.

FIM